

Bruno Fernando Santos de Castro

**O humor como força de transformação social:  
História política e Imprensa nos anos 1920-30 e o lugar  
do jornal A Manhã**

Trabalho apresentado à disciplina  
Tópicos em Comunicação, Cultura e  
História, ministrada pela professora  
Ana Lucia Enne, do Departamento de  
Estudos Culturais e Mídia, do Instituto  
de Artes e Comunicação Social da  
Universidade Federal Fluminense.

**Rio de Janeiro, 30 de junho de 2009.**

**Resumo:**

Abordaremos aqui a chamada “crise dos anos 1920” a partir da ótica do jornalismo desse período, o qual atuava explicitamente como agente social de organizações políticas, ou em nome delas. Mesmo com a série de avanços e inovações que a imprensa passou nesse período, a profissão de jornalista ainda era secundária na vida daqueles que nela atuavam, ou encarada como um degrau necessário para galgar postos e posições políticas específicas. Entretanto, nosso enfoque mais preciso destoa um pouco dessa característica da imprensa e de seu profissionais. A partir de um jornal combativo, feito quase que artesanalmente por um homem só, lançando mão duma linguagem humorística virulenta, Aparício Torelly com sua empresa, o jornal A Manhã, teve importante participação em todo esse contexto. Por conta disso, o estudo de seu jornal se mostra muito profícuo para buscarmos na suas inversões cômicas de valores e acontecimentos, o que caracterizava alguns dos costumes e experiências no campo político e jornalístico do início do século XX no Brasil. Escolhemos aqui abordar o processo que culminou na Revolução de 1930 a partir deste jornal, período no qual Apporely ascende de “nosso querido diretor” para “Barão de Itararé” marcando sua influente presença na história do Brasil e da imprensa brasileira. Mas esse trabalho é também um estudo sobre as possibilidades de representação, apropriação e transformação do mundo através do humor.

**Palavras-Chave:** Humor; História Política; História da Imprensa

Abordaremos nesse trabalho o período da história republicana do Brasil conhecido como a “crise dos anos 20”, caracterizava-se por vários fatores que detalharemos mais a frente. Porém, a partir da ótica do jornalismo desse período, o qual atuava explicitamente como agente social de organizações políticas, ou em nome delas. Mesmo com a série de avanços e inovações pela qual a imprensa passou nesse período, a profissão de jornalista ainda era secundária na vida daqueles que nela trabalhavam, ou encarada de modo etapista, como um degrau necessário para galgar postos e posições políticas específicas. E mesmo assim, o enfoque mais preciso desse trabalho destoa um pouco dessa característica da imprensa e de seu profissionais. A partir de um jornal extremamente combativo, feito quase que artesanalmente por um homem só, lançando mão de uma linguagem humorística extremamente virulenta, Aparício Torelly com a sua empresa, o jornal A Manhã, teve importante participação em todo esse contexto estudado, abordando os acontecimentos de maneira irreverente, baseando-se no que de fato ocorria no mundo da política e do jornalismo. Por conta disso, o estudo de seu jornal se mostra muito profícuo para buscarmos na suas inversões cômicas de valores e acontecimentos, e o que caracterizava alguns dos costumes e experiências no campo político e jornalístico das primeiras décadas do século XX no Brasil. Especificamente para esse trabalho, escolhemos abordar o processo de formação da Aliança Liberal até a Revolução de 1930 a partir do jornal A Manhã de Aparício Torelly, período no qual ele “ascende à nobreza” passando de “nosso querido diretor” para “Barão de Itararé”

marcando sua influente presença na história do jornalismo brasileiro e na própria história do Brasil.

Mas esse trabalho é também um estudo sobre as possibilidades de representação, apropriação e transformação do mundo através do humor. Lipovetsky, em *A era do vazio*, afirma que vivemos em uma sociedade humorística, que se quer *cool* e *fun*, amavelmente malandra, em que os meios de comunicação difundem modelos descontraídos, heróis cheios de humor, e valores nos quais se levar a vida a sério é falta de correção. Ele ainda identifica uma eterna recorrência do riso na publicidade, nos jornais, nas transmissões televisivas. E, mesmo elogiando seus méritos, suas virtudes, suas potencialidades críticas e questionadoras, mal conseguimos delimitá-lo. Acreditamos na mobilização pelas emoções, oferecidas pela grande mídia, mas ressignificada pelo público. E o humor tem grande força para estimular as emoções e as sensações, tanto para mudanças quanto para atitudes conservadoras e preconceituosas, pois, mesmo que acreditemos que ele é corrosivo, ele não vai necessariamente corroer o lado repressivo e conservador da sociedade. Por isso, mesmo tendo como certa a afirmação de que o público, dentro de certos limites, se apropria e ressignifica o que consome simbolicamente, pensarmos a produção também é de extrema importância. Nesse trabalho estudaremos as possibilidades da produção de um humor que proporcione experiências representacionais libertárias, rebaixando, no sentido bakhtiniano, o que está no alto, o que é oficial, invertendo o mundo e oferecendo novas formas possíveis de pensar esse mundo.

### **O jornal A Manhã: um exemplo de leitura crítica a partir do humor**

Foi com o Barão Itararé, historicamente, que o humor, na sociedade brasileira, passou a se mobilizar de modo mais conseqüente. O Barão de Itararé passou à história como um apaixonado pelo jornalismo, que fazia da escrita e de suas frases curtas e irônicas a arma para demolição dos políticos e poderosos, simbolizando a resistência à prepotência, através de seu bom-humor e de sua ironia.

Nascido na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, em 1895, Fernando do Aparício Brinkerhoff Torelly, vem trabalhar no Rio de Janeiro em 1925. Chegando na Capital Federal, escreve crônicas diárias n' *O Globo*. Com a morte de seu proprietário, Irineu Marinho, transfere-se *A Manhã*, de Mario Rodrigues. Após deixar a redação do

jornal *A Manhã*, no qual escrevia a coluna de primeira página “A Manhã tem mais...”, Aparício Torelly funda seu próprio jornal. O primeiro número de *A Manha*, em 13 de maio de 1926, anunciava em seu subtítulo: “Órgão de ataques... de riso”, e já tinha como proposta “morder o calcanhar das autoridades”.

O jornal era composto por profecias de fim de ano, página literária, noticiário policial e seção de esportes, sempre tendo os políticos como principais personagens. Além de seções bem humoradas de economia, denúncias, cotidiano, além de um suplemento de correspondentes estrangeiros, escrito na maneira em que os imigrantes portugueses, italianos e alemães falavam o português.

O projeto gráfico de *A Manha* acompanhou sempre o tom irreverente de seus textos, utilizando-se de charges, fotografias retocadas e fotomontagens. Andrés Guevara<sup>1</sup>, diagramador e chargista paraguaio, foi o mais importante colaborador gráfico do jornal, desde os primeiros tempos, até seu fim na década de 1950. Guevara influenciou muitos cartunistas brasileiros e introduziu no país modernos conceitos de diagramação e paginação, tendo sido, também, diagramador da *Última Hora*, na década de 1950.

Em 1929, pretendendo atrair mais leitores, Assis Chateaubriand propôs sociedade com Aparício Torelly para que *A Manha* circulasse como encarte todas as quintas-feiras no *Diário da Noite*, jornal criado para servir como base de apoio para a campanha da Aliança Liberal. Apenas duas condições foram exigidas: levar seu amigo Guevara junto e controlar a publicidade. Já na primeira semana, o jornal dobrou sua tiragem, vendendo 15 mil exemplares. Na segunda semana alcançou a tiragem de 21 mil exemplares. Atingiu 125 mil exemplares vendidos na data de publicação do programa da Aliança Liberal (Figueiredo, 1987). Permaneceu nessa condição por quatro meses, enquanto Aparício Torelly manteve, à sua maneira, apoio ao movimento. Mas, se ele acompanhou com simpatia, em *A Manha*, a campanha aliancista, logo percebeu que os novos donos do poder não passavam de mais um setor da mesma oligarquia que ele queria ver derrubada.

A partir disso podemos ter uma noção da importância desse periódico em seu contexto. Vale ressaltar que, lembrar o Barão de Itararé é comemorar o passado mítico do jornalismo e sua identidade atrelada à questão do poder simbólico que os jornalistas

---

<sup>1</sup> É preciso lembrar que Guevara foi o responsável pela modernidade gráfica de *Última Hora*, sendo, segundo depoimento de Samuel Wainer, o grande responsável pela nova feição gráfica do jornal, que segundo alguns autores é emblemático na modernização do jornalismo carioca dos anos 1950.

possuem na sociedade, mas é também lembrar uma das mais influentes e contundentes leituras críticas da comunicação e da sociedade a partir do humor. Afinal, é possível considerar *A Manhã* como uma ruptura na imprensa humorística de então, porém uma ruptura ambígua, pois dialoga com muitas das características dos jornais do século XIX – do jornalismo de opinião, combativo, feito por um homem só. Da mesma maneira, seu humor cáustico estava mais próximo da *Revista Ilustrada* de Agostini do que das fórmulas cansadas de *O Malho*, *Careta*, e *Fon-Fon!*, periódicos humorísticos contemporâneos.

A fórmula do seu humor sempre esteve, perceptivelmente, relacionada à crítica social e política, em defesa da democracia e contra os abusos de todo tipo. Entre os alvos para do seu humor crítico estava a própria imprensa. Era comum entre os periódicos acompanhar todos os passos da vida social de seus proprietários, assim como, no dia do aniversário do proprietário, publicarem vários artigos bajuladores, sempre se referindo a eles como nosso querido diretor. Antes de Aparício Torelly ascender ao baronato, ele era conhecido apenas como o “nosso querido diretor”. É a partir dessa figura que ele desenvolverá o seu humor a partir de situações típicas da imprensa de seu tempo, como as estreitas vinculações entre a imprensa e o poder político<sup>2</sup>, o noticiamento de toda a vida social dos proprietários de jornais, e mesmo a relação dos jornais e seus leitores, parodiando as promoções comuns nos jornais.

Mas pouco sabemos sobre essa importante figura da história do jornalismo brasileiro. A nossa hipótese é que o apagamento memorial desse periódico, na construção discursiva dos chamados reformadores do jornalismo carioca da década de 1950, faz parte de uma estratégia onde o esquecimento legitima a construção de um novo tempo para a profissão. Nesse sentido, Aparício Torelly e *A Manhã* pertencem a um tempo que deve ser naturalmente esquecido. Isso, em contraposição ao ideal de modernidade construído, marcando a ruptura com um jornalismo que se fazia até então, apagando o passado, o antigo, enfim, esquecendo a história. E mesmo a adoção do epíteto alternativa para a imprensa de oposição que também lançava mão do humor, por

---

<sup>2</sup> Uma das tiradas humorísticas dele se deu quando, devido aos distúrbios durante a Revolução de 30 e à pressão do governo, os jornais mais conservadores que apoiavam o antigo regime, como *A Notícia*, *A Ordem* e o *Jornal do Brasil*, subitamente desapareceram das ruas. Quando voltaram a circular dias depois, *A Manhã* não deixou de registrar o fato: “Reapareceu ontem o *Jornal do Brasil*, cuja publicação fora suspensa no dia 24, em regozijo à vitória da Revolução. No seu artigo de fundo, aqueles nossos colegas confessam que, de fato, defenderam todos os governos passados, mas com a mesma lealdade, colocam-se agora ao lado da República Nova”

exemplo “O Pasquim”, é uma marca dessa vontade de ruptura com um passado em busca de uma legitimação no presente.

Considerando que a memória contém o esquecimento, é preciso perceber as múltiplas formas como este aparece discursivamente e em atos. Há diversas possibilidades do esquecimento. Desde aquele que se relaciona ao ato narrativo – já que qualquer narrativa enseja uma seleção e, portanto, uma outra forma de dizer -, até aquele que se configura como esquecimento comandado. Neste caso, o perdão e a graça concedida (no caso por exemplo dos atos de anistia) caracterizam esta outra possibilidade de esquecer.

No século da modernização da imprensa carioca, *A Manhã* representa a continuidade de padrões que deveriam ser esquecidos. Mesmo a imprensa que se auto-intitula como alternativa, buscando através da ruptura criar uma distinção, também não quis o Barão como um de seus patronos. Para Huyssen (2005), existe uma política de esquecimento público que se contrapõe a uma vontade de memória politicamente desejável. Pois não há nenhuma memória política que possa funcionar sem o esquecimento. Insistimos, portanto, no apagamento do passado e da memória do Barão. As rupturas, no nosso entender, são construídas para marcar distinção dentro do campo jornalístico.

### **A questão do humor como crítica social**

O humorismo consiste em mostrar o outro lado das coisas, o lado que o povo não vê. Não vê mas sente. Além disso, o humorismo não deve ser usado apenas em assuntos fúteis. Eu quero mostrar a nossa miséria de forma leve. (Torelly *apud* Ssó, 1984:90)

Adorno solucionava sua famosa pergunta “como viver a verdadeira vida num mundo falso?” através da arte que procurasse falsear o mundo falso. Aqui também entendemos o humor engajado, não reacionário, que à sua maneira busca falsear o mundo, ou melhor, busca invertê-lo, entendendo o humor segundo Bakhtin como estética da inversão.

Seguindo com Adorno, se a eficácia da ideologia reside na sua capacidade para vedar o acesso aos resultados da atividade social como produtos, mediante o bloqueio

da reflexão sobre o modo como foram produzidos, o humor mais eficaz criticamente tão logo será aquele que consiga explorar e inverter as contradições ocultas pela ideologia lançado mão do seu forte potencial comunicativo. (Adorno, 2004). Adorno está preocupado com o papel que a cultura exerce, segundo ele, no capitalismo tardio. Segundo ele, a cultura sempre contribuiu para domar os instintos revolucionários bem como os costumes bárbaros. A cultura industrializada dá algo a mais. Ela ensina e infunde a condição em que a vida humana pode ser tolerada, ou seja, a intolerância da tolerância. Por isso, é preciso criar produtos que formalmente detenham as mesmas potencialidades comunicativas que os produtos da indústria cultural, mas que sejam exitosos em falsear o mundo falso, em invertê-lo, despertando novas formas de percepção mais libertárias.

Prokop explica de maneira similar a maneira que se dá a dominação no nível super-estrutural a partir do conceito de princípio de realidade. Segundo Prokop, este representa as coerções da estrutura social diante dos desejos e só deixa passar aqueles que são apropriados para se prenderem às objetivações que lhes são oferecidas, objetivações essas concordantes com a dominação. Por isso, a principal característica do princípio de realidade é desenvolver nos receptores lentamente uma elaboração das experiências, que trabalha os desejos de forma a capacitá-los a enfrentar a realidade, sem sabotá-los a partir do princípio de realidade.

Com um pensamento mais sofisticado para sua época e para sua filiação teórica (a Escola de Frankfurt), Prokop argumenta que os produtos da cultura de massa não têm total poder de sugestão, por outro lado, são inteiramente capazes de fascinar seu público. Ele traz então para os estudos da cultura e da comunicação o conceito psicanalítico de fascinação, que através de seus estudos se mostrou muito profícuo. Segundo Prokop, quando se é fascinado por alguma coisa, não se é inteiramente manipulado pelo respectivo objeto. A atenção está fixada, mas com o ego desperto.

De tal maneira, a estrutura do produto, do signo é recalque, por isso, não é previamente dada, fechada, determinada para sempre. Curiosos, os receptores lançam sempre um olhar ao conflito e são informados se os poderes da ordem ainda estão, se eles mesmos ainda “estão lá” e quantas “liberdades” são permitidas.

Um dos argumentos para os receptores permanecerem fixados nos meios de comunicação, um outro momento de fascinação, consiste no fato de que os produtos na sua dinâmica, na sua destrutividade, na sua harmonia demonstrativa, na sua libertinagem comprimida possibilitam uma ligeira ruptura do mundo rotineiro. Ainda

não deixamos de ser seres rotineiros cansados e já queremos ser outros. Seres rotineiros: isso quer dizer que se tem, de forma geral, muito pouco sentimento, que a emocionalidade se acaba na rotina.

Quem pode organizar seu cotidiano de maneira a ter, por si próprio, fortes emoções – não somente na hora da “ruptura”, do lazer –, quem pode apaixonar-se, ter medo, excitar-se, pouco necessita, ao contrário, dos meios de comunicação de massa e certamente não estará em condições de acompanhar fascinado as novelas populares da TV, das revistas e do rádio.

Em Prokop há uma esquematização mais elaborada sobre as possibilidades críticas do humor. Para ele a gargalhada não se orienta contra os desejos representados pelos heróis da produção cultural, senão contra o sistema total simbolizado, eventualmente no trânsito das ruas. O absurdo do sistema total, como se mostra no trânsito das ruas, desmascara-se no *gag*<sup>3</sup>. Com isso, apresenta-se tudo, pelo menos tendencialmente, como transformável. O humor desmascara as contradições na medida em que as ridiculariza, exigindo-se do leitor uma satisfação maligna.

Apesar de Adorno acreditar que a diversão é o prolongamento do trabalho no capitalismo tardio. Ela é procurada pelos que querem se subtrair aos processos de trabalho mecanizado, para que estejam de novo em condições de enfrentá-lo. Mas ele vê uma potencialidade crítica na diversão totalmente desenfreada, não por ser apenas a antítese da arte, mas também por ser o extremo que a toca. Segundo Adorno, o absurdo à maneira de Mark Twain, com o qual às vezes namora a indústria cultural americana, poderia ser um corretivo da arte, quanto mais esta leva a sério as contradições da realidade, tanto mais vai se assemelhar à seriedade da existência.

Mas o uso do tempo livre no capitalismo tardio tem o seu lado nefasto. Do processo de trabalho na fábrica e no escritório só se pode fugir adequando-se a ele mesmo no ócio. Disso sofre incuravelmente toda diversão. O prazer congela-se no enfado, pois que, para permanecer prazer, não deve exigir esforço algum, daí que deva caminhar estreitamente no âmbito das associações habituais. O espectador não deve trabalhar com a própria cabeça; o produto prescreve toda e qualquer reação: não pelo seu contexto objetivo – que desaparece tão logo se dirige à faculdade pensante – mas por meio de sinais. Toda conexão lógica que exija alento intelectual é escrupulosamente evitada. Talvez por isso as produções midiáticas muito argumentativas que esperam

---

<sup>3</sup> Improvisação cômica de efeito, não-necessária na dramaturgia, realizada no filme de comédia, no cabaré.

obter êxito pelo conteúdo consigam, na verdade, o fracasso. Novamente entra aqui a questão de estimular sensibilidades libertárias e modos percepção críticos em função de mudanças sociais. Afinal, negar que uma soma de pequenos fatos, produtos da iniciativa humana possam modificar a natureza de um sistema, significa negar a própria possibilidade das alternativas revolucionárias, que se manifestam apenas num dado momento, em seguida à pressão de fatos infinitesimais, cuja agregação (embora puramente quantitativa) explodiu numa modificação qualitativa. (Eco, 53)

Por isso, Adorno lamenta que a lógica do divertimento puro, o abandono irrefletido às associações variadas e ao absurdo feliz, é excluída do divertimento corrente: pois que é prejudicada pela introdução substitutiva de um significado coerente que a indústria cultural se obstina em estabelecer para suas produções, enquanto, por outro lado, na verdade ela trata aquele significado como um simples pretexto para que os astros mostrem.

Portanto, a mistificação não está no fato de a indústria cultural manipular as distrações, mas sim em que ela estraga o prazer, permanecendo voluntariamente ligada aos clichês ideológicos da cultura em vias de liquidação. Ética e bom gosto vetam como “ingênuo” a diversão descontrolada – a ingenuidade não é menos mal vista que o intelectualismo – e limita, por fim, as capacidades técnicas.

Divertir-se significa que não devemos pensar, que devemos esquecer a dor, mesmo onde ela se mostra. Na base do divertimento planta-se a impotência. É, de fato, fuga, mas não, como pretende, fuga da realidade perversa, mas sim do último grão de resistência que a realidade ainda não pode haver deixado (Adorno, 2004: 41).

Trazendo a Teoria Crítica para nosso estudo, é importante lembrarmos que se alguns dizem que as épocas de maior obscurantismo e censura são as que mais contribuem para aguçar o senso crítico dos humoristas e estimular as sátiras, eles se baseiam num olhar histórico estreito que enxerga apenas a experiência da imprensa alternativa durante a Ditadura Militar. Um mito que a própria vida de Aparício Torelly se encarregou de desmentir. Longe de o estimular, o regime do Estado Novo quase acabou não só com o humorista, mas também com o homem. As melhores fases de seu trabalho sempre coincidiram com os períodos de maior liberdade e efervescência na vida brasileira, como na década de 1920 e inícios de 1930 e durante a redemocratização em 1945. (Cf.: Figueiredo, 1987:175)

Investindo contra tudo que classificava sob o rótulo geral de “ignorância”, Aporelly procurava fugir ao que, segundo ele, era a regra entre a maioria dos

humoristas. Acreditava que a influência destes sobre o povo, de um modo geral, era “muito levemente benéfica e bastante entorpecente” porque eles “mostram apenas a metade da verdade”. E falando sobre o assunto e o papel do humorista, O barão nos deixou uma lição:

O humorista é um conhecedor da natureza. Mas quando ele é um falso humorista, um palhaço, faz parte do outro mundo. Um humorista que é sério chegar a ser trágico. É um dialeta. E o que é ser dialeta? Vamos voltar aos antigos, os gregos, que usavam a dialética como arma para chegar ao conhecimento da verdade. E como utilizavam essa arma? Destacando as contradições dos adversários e reduzindo-os a nada”.

E o Barão reduzia seus adversários a nada através do seu humor que provocava o riso comum, mostrando exatamente as contradições em tudo lugar onde que enxergava a ignorância, que, segundo ele, era seu principal alvo, fosse na política, na imprensa, ou mesmo na sociedade e seus costumes. Seu humor não desenvolvia situações a partir do cômico, mas produzia o cômico, em primeiro lugar, a partir das situações mostrando suas contradições, tornando-o um grande exemplo do humor bakhtiniano enquanto estética da inversão. Retomando Adorno e o materialismo histórico dialético, a crítica dialética consiste em elevar a crítica até a própria suspensão/superação sem a eliminação da contradição [*Aufhebung*] de qualquer tema abordado por essa crítica, muito semelhante ao humor do Barão.

E para aqueles mais metódicos que quiserem questionar as fontes referidas para apontar sua relevância naquele contexto, eis uma definição da polícia numa das inúmeras vezes que fora detido: “O epigrafado usa os pseudônimos de *Aporelly* e *Barão de Itararé*. É bem conhecido entre os intelectuais comunistas e, à guisa de ‘humorismo’, promove a campanha de descrédito e desagregação com seus escritos ilógicos, que não deixam de ser apreciados pela massa”. (Arquivos da Polícia Federal, São Paulo *apud* Figueiredo, 1987)

### **Contextualizando a história política dos anos 1920**

A década de 1920 representou para história brasileira um período de efervescência para todos os âmbitos da sociedade culminando em grandes mudanças, caracterizada historiograficamente como um período de transição cujos resultados mais

expressivos convergiu para o movimento revolucionário de 1930, representando uma drástica ruptura na história do Brasil.

Já no início desta década há acontecimentos indiciários de uma profunda mudança em processamento nos variados planos da realidade brasileira, e que posteriormente mudaram significativamente o panorama político e cultural brasileiro. Marieta Ferreira adota o ano de 1922 como um marco para os estudos desse período. Nesse ano a autora associa a essas mudanças em processo, a Semana de Arte Moderna, a criação do Partido Comunista, o movimento tenentista, a criação do Centro Dom Vital, a comemoração do centenário da Independência do Brasil, e mesmo as características da sucessão presidencial ocorridas nesse ano foram indicadores importantes dessa efervescência na sociedade brasileira, e que colocariam em questão os padrões culturais e políticos da Primeira República (Ferreira, 1993).

Numa visão mais ampla, na sociedade brasileira daquela década os setores urbanos estavam em constante ampliação com o crescimento da classe média e da classe trabalhadora, que demandavam maior participação no plano político. Além de uma notável diversificação de interesses no interior das próprias elites econômicas, que contribuiu para gerar uma crise intra-oligárquica. “Em seu conjunto essas transformações funcionariam como elementos de estímulo a alterações no quadro político vigente, colocando em questionamento as bases do sistema oligárquico da Primeira República” (Ferreira, 2006:390)

No campo político, que será o principal tema desse trabalho, um importante antecedente da crise intra-oligárquica, que redundou na formação da Aliança Liberal, foi a Reação Republicana. Movimento político resultante da insatisfação das oligarquias de segunda grandeza frente a dominação nos assuntos políticos e econômicos dos interesse de Minas Gerais e São Paulo no momento da disputa para presidência do quadriênio de 1922-1926. Mesmo assim, não era exatamente algo novo, a Campanha Civilista na disputa presidencial de 1909-1910 é outro bom exemplo de resistência e busca de re-articulação entre essas oligarquias estaduais na busca do aumento de seus poderes frente o dominância do eixo Minas–São Paulo que lhes garantisse um pouco mais de influência nas negociações e barganhas políticas<sup>4</sup>. Mais o movimento de 1922

---

<sup>4</sup> Porém, alguns estudos recentes contestam a estabilidade que a chamada política do café-com-leite preveria. Esses autores chamam a atenção para o caráter instável da aproximação entre paulistas e mineiros, ao mesmo tempo que relativizam a idéia da eficácia da política dos governadores no que diz respeito à neutralização dos conflitos. Cf. Ferreira, 2006; Enders, 1993; Viscardi, 2001)

foi um momento expressivo dessa luta, no qual já buscavam a aproximação com os setores urbanos e com os militares.

### **A formação da Aliança Liberal e a sucessão presidencial de 1929-1930 – a história e o jornal A Manhã**

*Os republicanos estão divididos em dois grupos: os históricos e os histéricos. Os primeiros morreram todos. Os últimos estão em crise (A Manhã 24/10/1929)*

O governo Washington Luis prosseguiu relativamente estável. Nada comparável às efervescências e enfrentamentos políticos do início da década. Em 1929, com o novo processo de sucessão presidencial, tudo indicava que as regras de funcionamento da política de então seriam novamente cumpridas, a situação deveria indicar um candidato oficial através do presidente da República, e este deveria ser apoiado por todos os grupos dominantes nos Estados.

Não foi o que aconteceu. Washington Luis rompeu o acordo tácito entre Minas e São Paulo ao indicar como candidato oficial o paulista Julio Prestes, então presidente do Estado de São Paulo. Tal impasse permitiu que ressurgissem disputas e pretensões outrora sufocados num passado muito recente. Nesse quadro político, o Partido Republicano Mineiro (PRM), representado por Antonio Carlos de Andrada, então presidente do Estado de Minas Gerais, buscou o apoio do Rio Grande do Sul (terceiro Estado em importância eleitoral) para se opor aos planos de Washington Luis. Entretanto, o Rio Grande do Sul só se aventuraria a romper com o governo central caso lhe fosse dado lançar um candidato gaúcho à presidência.

Até a primeira metade do ano de 1929, Antonio Carlos e Getulio Vargas tentariam convencer Washington Luis a aceitar um terceiro candidato, contudo, sem sucesso. Quando, em julho de 1929, a coligação entre Partido Republicano Mineiro e o Partido Republicano do Rio Grande veta oficialmente a candidatura à presidência de

Julio Prestes, e lança Getulio Vargas e João Pessoa como candidatos a presidente e vice respectivamente. A oposição, para tornar sua ação mais concreta e contundente formou então a Aliança Liberal no mês seguinte. Constituíam-se basicamente de uma coligação oposicionista de âmbito nacional, reunindo a situação dos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba, além das oposições estaduais e facções civis e militares descontentes com o governo. Por conta disso, sua principal característica era a heterogeneidade, que por isso mesmo pode agrupar setores tão distintos da sociedade civil, e fez com que, num primeiro momento, Aparício Torelly também a apoiasse, se considerarmos que de setembro de 1929 até fevereiro 1930 seu jornal circulou como suplemento do Diário da Noite, jornal criado por Assis Chateaubriand para fazer propaganda.

A Aliança Liberal se mostrou caracteristicamente heterogênea, agrupando de um lado tanto a oligarquia dos Estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba, camadas sociais urbanas e alguns dos militares revoltosos do movimento tenentista. Por conta da falta de uma identidade característica do movimento, que ao mesmo tempo que representava oligarcas, buscava o apoio de um dos principais líderes do movimento tenentista, Luis Carlos Prestes. E como o candidato apoiado pela situação que estava no governo, também era Prestes, porém Julio, e paulista, Aparício Torelly constantemente em seu jornal demonstrava em seu jornal as ambigüidades tanto da imprensa quanto da política. Que acaso, duas peças importantes no jogo político daquele contexto terem o mesmo sobrenome. Por isso, o jornal A Manhã declarava em seu combativo editorial: “Para evitar dúvidas, declaramos, mais uma vez que estamos com Prestes, *oficial*” (07/11/1929, grifos meus). O oficial pode se referir-se tanto ao oficial do refugiado do exército, Luis Carlos Prestes, maior ícone do movimento tenentista, quanto ao situacionismo do governo que oficialmente, em nome do governo, lança a candidatura de Julio Prestes, presidente do Estado de São Paulo, cuja indicação fora o estopim de toda a crise política do final da década de 1920, resultando na formação da Aliança Liberal. E a atitude comicamente dúbia de seu jornal contrasta com imprensa de então que era marcadamente política, isto é, agia explicitamente em favor de grupos políticos, com posicionamentos muito claros e definidos, como o próprio jornal A Noite, no qual A Manhã era um suplemento nesta época. Os recursos necessários para a fundação de A Noite foram conseguidos por meio de João Neves da Fontoura, com o apoio da Aliança Liberal.

Se este jornal foi criado para fazer propaganda da candidatura de Getúlio Vargas e combater a gestão de Washington Luís, Aparício Torelly não assumia este mesmo compromisso. Washington Luís, já era o Vaz Antão Luís, o colaborador de sua folha que acumulava as funções de redator-chefe e presidente da República, desde a fundação de seu jornal em 1926. E mesmo Getúlio Vargas que aparecia como “eminente presidente do Rio Grande do Sul e iminente presidente da República”, não deixou de ser representando em suas notícias humorísticas, além de ter sido alvo de seus famosos trocadilhos, seu sobrenome, Dornelles Vargas, virava, um tanto quanto profeticamente, Dor...Nelles Vargas. Seu compromisso era com aquele humorismo que invertia a ordem comum dos significados, tal como argumentou Bakhtin, e que, de tal maneira, contestava e criticava à sua maneira. Segundo o próprio Aparício Torelly em entrevista à revista *Manchete* na década de 1970, já aposentado de seu ofício, disse que “o humorismo consiste em mostrar o outro lado das coisas, o lado que o povo não vê. Não vê mas sente. Além disso, o humorismo não deve ser usado apenas em assuntos fúteis. Eu quero mostrar nossa miséria de forma leve”. Por isso, poderia ser alvo de suas tiradas cômicas, tanto Washington Luís e seu candidato Julio Prestes, quanto Getúlio Vargas ou qualquer outro aliancista.

Afinal, se a Aliança Liberal se organizou como oposição ao governo de Washington Luís foi apenas por divergências políticas muito específicas, e a prova disso foram as constantes tentativas de conciliação, como um acordo que indicasse um terceiro candidato que fosse do agrado para ambos os lados. E a folha de Aparício Torelly não deixou de dar nota. Dizia uma matéria de 14 de novembro de 1929: “Enquanto o governo procura ameaçar com a força, os aliancistas fazem força para não ameaçar”, e sentenciou mais adiante “A Manha não quer acordos – antes deseja a luta para poder cumprir os compromissos assumidos”. Fora apenas às vésperas da campanha eleitoral que as diferenças se estabeleceram de fato a ponto de acabarem as tentativas de reconciliação. O que, novamente, rendeu comentários de Aporelly em 19 de dezembro de 1929, “Ambas as facções em luta, depois de um período agitado de incertezas e interrogações, entraram felizmente num acordo, estando ambos, hoje, resolvidos a vencer de qualquer forma”.

Se, por um lado, o tom humorístico que sempre compunha seus escritos era uma ótima maneira de inverter e dar um novo sentido à cena política daquele contexto, por outro, é sempre difícil saber o que tem de verdade nas suas histórias quando não é possível confrontar com outras fontes de informação. Um desses casos foi o

desentendimento com Assis Chateaubriand e o desligamento do Diário da Noite. Como sempre ele fez piada do acontecimento. Ernani Ssó (1984) escreveu na biografia sobre O Barão de Itararé que Chateaubriand não pode mais pagar Apporelly. Mas um detalhe é digno de nota, foi em fevereiro de 1930, exatamente às vésperas da eleição que seria em março, que A Manhã voltara a ser um jornal “independente”. Já na primeira edição independente, em 20 de fevereiro 1930, o jornal teve duas tiragens, todas esgotadas, conforme comentário no jornal da semana seguinte, e, para tanto, tentaria resolver o caso com três tiragens nesta edição.

Foi então, enquanto novamente um jornal independente, que A Manhã acompanhou as eleições de 1º de março e a apuração dos votos. A imprensa daqueles anos ainda era explicitamente vinculada à política, com jornais de ocasião, criados para a defesa de plataformas políticas. Logo, o compromisso dessas folhas estava mais para a defesa de interesse políticos do que ser uma pretensa tribuna de debate na esfera pública.

É importante ressaltar que a década de 1920 representou uma importante fase no processo de modernização da imprensa no Brasil, apesar da ênfase recair comumente na década de 1950. Nelson Werneck Sodré (1999) e Marialva Barbosa (2008) chamam a atenção para o processo de estruturação da imprensa em moldes empresariais, algo que pode ser percebido desde a virada do século XIX para o XX, e que, além da característica já citada, ganha um forte impulso nesses anos com a fundação dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, e a imprensa artesanal, de baixa tiragem, e de ocasião, passa a ser cada vez mais um fenômeno de outros tempos passados, apesar de sua típica efemeridade, esta imprensa vai diminuindo em números de títulos em circulação com o passar desses anos. Nesse contexto, A Manhã é tipicamente um jornal artesanal, feito por um homem só - entusiasta na “arte de fazer jornal” -, e principalmente político e de opinião, sem, no entanto, ser propagandista desta ou daquela facção em disputa pelo governo.

Foi sob essas circunstâncias históricas que o jornal A Manhã se destacou num cenário de modernização da imprensa. E anuncia em suas páginas de 13 de março de 1930: “Pelos dados oficiais, A Manhã considera eleitos os dois candidatos à presidência da República”, e se explica:

Obedecendo, invariavelmente, às altas diretrizes dum nobre programa de estrita imparcialidade, este jornal não pode e não deve tomar partido por este ou por aquele candidato a não ser que uma das partes interessadas se disponha a fornecer elementos de persuasão capazes de demover a sólida orientação da nossa folha. Pelos resultados que

nos foram oferecidos oficialmente pelo Catete e pela Aliança, consideramos eleitos a ambos os candidatos, pois não temos motivos de duvidar da palavra de quem quer que seja. (13/03/1930 p.1)

De fato, ambos os lados na disputa presidencial se declararam vitoriosos. A imprensa deu a vitória de acordo com a sua vinculação política. E Aparício Torelly resolveu declarando tanto Getulio Vargas quanto Julio Prestes vencedores. Mas os ânimos se acirraram, e o humor com que tratou o certame de nada adiantou para amenizar o clima de ameaças entre os grupos políticos. Do lado oposicionista, a ala mais radical, logo após a derrota nas urnas, foram iniciadas articulações para um movimento revolucionário. Na verdade, essas pretensões já eram perceptíveis desde o período pré-eleitoral. Foram principalmente os jovens filhos da oligarquia<sup>5</sup> que iniciaram os contatos para o movimento e obtiveram o apoio dos velhos chefes políticos ligados à Aliança Liberal. Aceitando a princípio a via revolucionária e a aliança com os setores militares tenentistas. Mas entre hesitações e procrastinações, os preparativos revolucionários foram tomando um ritmo mais lento. Alguns acontecimento porém podem ser pontuados como contribuição para reacender a vontade revolucionária da grupo político derrotado nas eleições presidenciais. Entre eles destaca-se a morte de Siqueira Campos num acidente de avião e o abandono do Luis Carlos Prestes da causa tenentista e recusa definitiva de assumir a chefia militar do movimento revolucionário ao lado de Vargas que seria seu chefe civil. Mesmo assim, as lideranças políticas ainda estavam hesitantes, mas um fato novo modificou profundamente a situação: em 26 de julho João Pessoa, que fora candidato a vice de Getulio Vargas, morre assassinado por João Dantas. Apesar de os motivos terem sido passionais, as vinculações políticas deste fez com que toda a responsabilidade pelo crime fosse atribuída ao governo federal, com toda a imprensa aliancista condenando o governo de Washington Luis.

Em seu jornal, Aparício Torelly vinha acompanhando ao seu estilo as articulações revolucionárias. Sem perdoar nenhum dos dois lados, nem a situação e nem os aliancistas, ele chamava o povo brasileiro, em 3 de julho, para fazer a Revolução Brasileira, a qual ele mesmo seria o “chefe impessoal do movimento”. Na outra semana, na edição seguinte, o nosso querido diretor admite que tentara o golpe de Estado, mas falhou porque em cima da hora deixou de contar com a colaboração de Borges de Medeiros e Antonio Carlos, dizendo que “recuaram vergonhosamente no momento

---

<sup>5</sup> Destacam-se entre estes nomes como Osvaldo Aranha, Virgilio de Melo Franco e João Neves da Fontoura.

oportuno”. No dia 31 de julho, primeira edição após a morte de João Pessoa, o nosso querido diretor toma a drástica atitude de despedir seu redator-chefe, Vaz Antão Luis, visando “como parte de uma série de medidas destinadas a despertar a simpatia do público”. Aparício Torelly, através do nosso querido diretor, justifica a demissão por divergências em assuntos internos ao jornal, mas é sintomática a atitude em fase de retomada da comoção revolucionária, sob acusações de responsabilidade do governo federal pela morte de João Pessoa. E como chefe maior da Revolução Brasileira, o nosso querido diretor não poderia deixar de simpatizar com os sentimentos de público.

Após essa edição, a figura de Washington Luis deixa de ser abordada com condescendência cômica, defendendo sarcasticamente aquilo que na verdade era alvo de crítica, e passa a ser uma figura a ser atacada, ainda assim através de seu humor ferino e cáustico. Na edição de 29 de agosto, profere alguns elogios à Aliança Liberal e sugere a renúncia de Washington Luis em um tom nem tanto humorístico. A partir de então, percebe que está cada vez mais grave a situação nacional e dirige um ultimato ao presidente da República, “apoiado pela opinião pública”, dando-lhe o prazo improrrogável de 70 dias para abandonar o governo. Tal ultima foi publicado no dia 5 de setembro, exatamente 70 dias antes de 15 de novembro, data que os presidentes eleitos assumiam o governo naquele tempo. Em tom quase profético, ele antecipou em seus devaneios humorísticos a marcha revolucionária, que efetivamente levaria ainda mais algum tempo até ser posta em prática – em 25 de setembro Vargas e Aranha decidem desencadear a revolução precisamente em 3 de outubro –, e a deposição de Washington Luis, que teria a opção de renunciar até o dia 15 de novembro senão seria deposto. Não logrou, no entanto, em suas histórias cômicas, predizer exatamente quando o golpe no Estado seria desferido. Segue com suas ameaças ao presidente da República, as quais não ficam impunes, porém ele faz pouco delas, debochando tanto das ameaças quanto do governo.

Com tantas hesitações, o governo não dava tanto crédito ao movimento revolucionário. Quando o movimento irrompeu na tarde de 3 de outubro, sob muitos aspectos, surpreendeu o governo que começou a agir. Daí então o governo seguiu fazendo numerosas prisões:

Além de políticos, foram particularmente visados jornalistas: redatores e operários de *A Batalha*, *A Esquerda*, *Diário Carioca*, *OJornal* e *Diário da Noite* foram detidos. Os secretários e diretores de todos os jornais, convidados a comparecerem ao gabinete do chefe de Polícia, receberam instruções quanto ao noticiário permitido, e alguns jornais deixaram de circular (Sodré, 1999:374).

Por sua vez, quando do golpe que depôs Washington Luis, foram os jornais governistas que foram atacados e deixaram de circular. Enquanto que aqueles que apoiavam a Aliança publicavam manchetes glorificando a tomada do poder, como no Diário da Noite de 24 de outubro: “Viva o Brasil! Viva a República Nova e Redimida!”

Da parte do jornal A Manhã, apesar de não ter filiação nenhuma entre os dois lados que disputavam o poder, também ficou fora de circulação no período que o governo perseguiu a imprensa aliancista, apesar de ter conseguido lançar a edição do dia 03 de outubro, na qual lembrava que faltavam 42 dias para expirar o prazo que o nosso querido diretor, chefe da Revolução Brasileira, concedeu ao presidente da República para abandonar o governo. E vocifera: “apesar de convencido da gravidade da situação, o Cesar caricato que está empoleirado no Catete, parece que não está disposto a entregar os pontos sem reação”. Porém, quando o governo provisório tomou o poder e perseguiu a imprensa situacionista, A Manhã também ficara fora de circulação. Mas volta já na semana seguinte, ao contrário de muitos dos jornais situacionistas, e satiriza a permanência da suspensão de alguns jornais que apoiavam o governo de Washington Luis.

Em virtude dos últimos acontecimentos que sacudiram o país e agitaram a Capital Federal, diversos jornais simpáticos à opinião pública estão tendo as suas edições completamente esgotadas, desde o dia 24 desse mês, podendo citar entre eles “A Notícia”, “A Ordem”, o “Jornal do Brasil”, “A Noite”, “A Crítica”, “A Gazeta de Notícias” e “O Malho”. As edições dessas gazetas têm sido completamente esgotadas, tanto assim que é humanamente impossível encontrar-se um único exemplar dessas folhas nos pontos de jornais, por muito mais cedo que se procure.

Mas outros jornais mais preocupados em defender a situação do que apoiar um grupo político voltam a circular. É o caso do Jornal do Brasil, que é interpretado nas páginas d’A Manhã da seguinte maneira:

Reapareceu, ontem, o Jornal do Brasil, cuja publicação fora suspensa no dia 24, regozijo à vitória da Revolução. No seu artigo de fundo, aqueles nossos colegas confessam que, de fato, defenderam todos os governos passados, mas com a mesma lealdade, colocam-se agora ao lado da República Nova.

As matérias jornalísticas dessa edição e das edições de novembro foram acompanhando os acontecimentos políticos da semana. Cada movimento do governo provisório, desde os mais triviais, inventados ou não, eram motivo para a pena de Aparício Torelly entrar em ação para registrar comicamente aquele momentos, sempre destacando o papel do nosso querido diretor. O que importa mesmo era a vontade de

abordar inversamente no sentido bakhtiniano aquela situação que se propunha a modificar as bases da política e de toda a sociedade brasileira, mas que na sua visão era apenas a troca de grupos oligárquicos no poder. Foi dessa e de tantas outras farsas que concede o título de nobreza ao nosso querido diretor pela bravura na Revolução Brasileira e a destacada importância na campanha militar culminando na Batalha de Itararé, que durante a movimentação revolucionária acreditava-se ser uma barreira inexpugnável e que por isso aconteceria lá a maior batalha já travada na América do Sul. Se o título era mais uma das invenções de Aparício Torelly e o nosso querido diretor, isso para ele não importava. Era tudo parte de uma mesma farsa. Aparício Torelly ano mais tarde comenta a idéia de enobrecer o nosso querido diretor:

Assim desiludido, o nosso querido diretor não podia mais pertencer à plebe e precisava, com urgência, arranjar um título de nobreza, porque isso é, sobretudo, uma ação nobre. Para o povo (que sempre ouviu com todo o respeito o nosso querido diretor, apesar de plebeu) não se sentisse traído, precisava duma boa desculpa. Não sendo propriamente do *carrière*, concluí que devia ser um elemento de ligação entre a nobreza e a plebe. Inventei essa história de ligação. Na realidade, o Barão era um caudilho de punhos de renda. Essa atitude é muito importante. Bem, como sempre me senti bem entre a nobreza, porque sou um nobre decidi que seria barão (Ssó, 1984:54)

Na realidade ele sempre fez esse papel de ligação entre a nobreza e a plebe, sem contar o trato humorístico dado aos acontecimentos políticos. Pode-se dizer que ele trivializava os acontecimentos que pareciam distantes do público em geral e mudando a linguagem na sua forma e no seu conteúdo, sem perder a essência da fonte de inspiração, ele dava outra visibilidade àqueles acontecimentos. Uma visibilidade mais popular, se considerarmos esse conceito tendo a obra de Bakhtin (1987) sobre a cultura popular na Idade Média e no Renascimento como base. Nesta, o popular está relacionado exatamente com essa linguagem humorística, risível, que ridiculariza e inverte valores e concepções de mundo, abrindo possibilidades para a subjetividade do sujeito vislumbrar outros mundos possíveis e outros horizontes de expectativa.

Parece que a construção da figura do Barão de Itararé foi um marco na obra de Aparício Torelly. Tudo sobre a sua obra, seja na análise de outros ou nos seus próprios comentários toma como base o Barão de Itararé. Sendo que podemos considerar que foi justamente na primeira fase de seu jornal que Aparício Torelly teve “mais liberdade” de falar sobre o que quisesse e como quisesse. Além do mais, nessa época o jornal A Manhã era feito apenas por ele, com a ajuda do paraguaio Guevara na parte gráfica, o que se assemelhava muito aos moldes da imprensa que estava ficando para trás e que

representava o jornalismo artesanal, de forte opinião e críticas cáustica. Ao mesmo tempo, se difere desses jornais de ocasião, ao demonstrar sua disseminação e longevidade, uma vez que esse tipo de imprensa era criada por grupos políticos para atacar seus rivais, contando com poucos leitores e sumindo tão logo o assunto em disputa tenha sido encerrado. Mas no caso específico desse trabalho, procuramos cumprir uma primeira etapa de um trabalho que abordará essas questões. Por hora, buscamos estudar o contexto político no qual A Manhã estava inserida e como ela se posiciona nele, quais os seus possíveis projetos, suas divergências e aproximações com as características da imprensa das primeiras décadas do século XX e essa relação com a política. O que agora são apresentações de material empírico e apontamentos a partir deste, num trabalho posterior procurará sistematizar esses dados e estudar do que veio e no que resultou o jogo entre a imprensa e a política nessa época, e o papel de Aparício Torelly e seu jornal A Manhã nesse processo.

## BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor. Sociologia. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- \_\_\_\_\_ . Indústria Cultural e Sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- ABREU, Alzira Alves de (org.). A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro dos anos 50. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1996.
- \_\_\_\_\_ . A modernização da imprensa (1870-2000). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ABREU, Alzira Alves de; Lattman-Weltman, Fernando; Rocha, Dora (orgs). Eles mudaram a imprensa: depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: FGC Editora, 2003.
- AMADO, Jorge. Prefácio a 1ª edição de *Máximas e Mínimas do Barão de Itararé*. Coletânea organizada por Afonso Felix de Souza. Rio de Janeiro: Editora Record, 1985.
- BAHIA, Juarez. Três fases da imprensa brasileira. Santos: Presença, 1960.
- \_\_\_\_\_ . Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira. São Paulo: Ática, 1990.
- BARBOSA, Marialva. Os donos do Rio. Rio de Janeiro: Vicio de Leitura, 2000.
- \_\_\_\_\_ . Ficcionalidade e vestígios do passado: em cena o Barão de Itararé. In: Alceu, Rio de Janeiro, v.6, nº11, 2005.
- \_\_\_\_\_ . História Cultural da Imprensa. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- \_\_\_\_\_ . Percursos do Olhar: comunicação, narrativa e memória. Niterói, EdUFF, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. SP, Hucitec e Brasília, Universidade de Brasília, 1987.
- \_\_\_\_\_ . Problemas na poética de Dostoievski. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989.
- \_\_\_\_\_ . A economia das trocas simbólicas. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1987.
- \_\_\_\_\_ . A ilusão biográfica. In: Amado, Janaina e Ferreira, Marieta. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

- BREMMER, Jam e ROODENBURG, Herman. Uma história cultural do humor. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930 / Coordenação: Alzira Alves Abreu (et alli). Ed. Rev. E atual – Rio de Janeiro: Editora FGV: 2001.
- FERREIRA, Marieta. A Reação Republicana e a crise política dos anos 20. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.6, n,11, 1993.p.9-23.
- FERREIRA, Marieta. A Reação Republicana e a crise política dos anos 20.
- FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucia (org.). O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- 2003. (O Brasil republicano; v.1)
- FIGUEIREDO, Cláudio. As duas vidas de Aparício Torelly: O Barão de Itararé. Rio de Janeiro: Editora Record, 1987.
- GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1989.
- \_\_\_\_\_ . Maquiavel, a política e o estado moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
- HUYSEN, Andréas. Seduzidos pela memória. Rio de Janeiro: Artiplano, 2000.
- KONDER, Leandro. Barão de Itararé: o humorista da democracia. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Jornalistas: agenciando a cidadania, publicizando o privado. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1992 (Dissertação de Mestrado).
- LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. In: Amado, Janaina e Ferreira, Marieta. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- MINOIS, Georges (org.). *A História do riso e do escárnio*. São Paulo: Unesp, 2003.
- POLLACK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.
- \_\_\_\_\_ . Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 5, nº 10, 1992.
- PROKOP, Dieter. Sociologia. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A mídia e o lugar da história. In: Lugar Comum. Nº 11.
- \_\_\_\_\_ . Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.

- \_\_\_\_\_ . A imprensa da independência e do primeiro reinado: alguns apontamentos. Texto apresentado no V Congresso Nacional de História da Mídia. São Paulo, 2007. CD Rom do evento.
- RICOEUR, Paul. “O passado tinha um futuro”. In: MORIN, Edgar. A religião dos saberes: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- \_\_\_\_\_ . Tempo e Narrativa, vols. I, II, III. Campinas: Papirus, 1994, 1995, 1996.
- \_\_\_\_\_ . La mémoire, l’histoire, l’oubli. Paris: Seuil, 2000.
- SALIBA, Elias Thomé. Raízes do Riso. A Representação Humorística na História Brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SCHUDSON, Michael. Discovering the news: a social history of american newspapers. New York: Basic Books, 1978.
- SCHWARZ, Roberto. “As idéias fora do lugar”. In: Ao vencedor as batatas. São Paulo: Duas cidades, 1977.
- SODRÉ, Nelson Werneck. A história da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- TOLEDO, Edilene. Anarquismo e sindicalismo revolucionário. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- TUCHMAN, Gaye. Makin News: A study in Construction of Reality. New York: Free Press, 1978.
- VELHO, Gilberto. Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- VERON, Eliseo. Construir el acontecimiento. Buenos Aires: Gedisa, s/d.
- ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.